



Ana Lúcia da Silva Ferreira

“Trajetórias de Vida e Reclusão: Estudo Qualitativo com Agressores Sexuais”

Dissertação realizada sob a orientação da
Professora Doutora Ana Rita Conde

Porto, fevereiro de 2020



Ana Lúcia da Silva Ferreira

“Trajetórias de Vida e Reclusão: Estudo Qualitativo com Agressores Sexuais”

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 01/07/2020, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Andreia Moura

Arguente: Prof.^a Doutora Carla Antunes

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde

Porto, fevereiro de 2020

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Esta dissertação é o resultado de um ano de trabalho e dedicação, com muitos desafios e muitas vitórias. O cumprimento deste trabalho não teria sido possível sem muitos braços direitos, que me inspiraram, impulsionaram e ajudaram a fazer com que isto valesse a pena.

- À Dr.^a Ana Rita Conde, por me orientar, por me transmitir conhecimentos e por ter sempre paciência comigo: obrigada;

- À Dr.^a Elvira Leite, por nunca ter negado qualquer tipo de ajuda, pela dedicação e carinho: obrigada;

- A todos os participantes, que permitiram a elaboração e concretização deste estudo: obrigada;

- Aos meus Pais, por serem a minha maior inspiração, por nunca me cortarem as asas, por estarem sempre comigo e por me fazerem acreditar no amor incondicional: obrigada;

- Aos meus Padrinhos, por serem uns segundos pais para mim, por se mostrarem sempre disponíveis para me ouvir, aconselhar e ajudar: obrigada;

- Ao meu Avô, aos meus Tios e Primos, por acompanharem esta caminhada e por estarem sempre presentes: obrigada;

- Aos meus Avós Paternos e à Avó Lúcia, por serem as minhas estrelas-guia ao longo destes 5 anos e por me terem feito sentir o seu amor em tantos momentos: obrigada;

- Ao Francisco, à Maria, à Mafalda e à Ana, por estarem comigo desde o primeiro dia, por se mostrarem orgulhosos pelo meu percurso e por me terem dito que eu era capaz, mesmo quando não acreditava: obrigada.

“Trajetórias de Vida e Reclusão: Estudo Qualitativo com Agressores Sexuais”

“Life and Reclusion Trajectories: Qualitative Study with Sexual Offenders”

Resumo: A investigação com os agressores sexuais tem procurando identificar fatores explicativos para o crime, proceder à sua tipificação, bem como encontrar especificidades que os distingam. Na sua maioria, os estudos são de natureza quantitativa, sendo escassos os estudos que procurem compreender a sua trajetória de vida a partir do autorrelato da sua história, que permita entender como constroem a sua história de vida, a sua identidade e como integram o passado, presente e futuro. Considerando que os crimes sexuais possuem uma grande conotação negativa e quem os pratica é alvo de estigmatização social e alarmismo, é importante compreender como é que os ofensores sexuais integram isto na sua história de vida e na construção da sua identidade. Assim, o presente trabalho procura adaptar uma abordagem narrativa na compreensão dos diferentes ofensores sexuais, contrastando as narrativas dos abusadores com a dos violadores, das mulheres ofensoras com a dos homens ofensores e dos ofensores que têm indicadores de psicopatologia e os que não têm tais indicadores. Administrou-se individualmente a Entrevista de História de Vida de McAdams a 11 participantes condenados por crimes sexuais, procedendo-se à análise narrativa dos dados. Os resultados indicam diferenças no relato entre os diferentes ofensores mas, na sua globalidade, identificam uma narrativa que se centra nas experiências familiares precoces adversas e que nenhum participante reconhece ter perpetrado o crime sexual. Identifica-se uma narrativa comum, a narrativa da adversidade e dissociação/negação do crime. No entanto, desta narrativa, emergem duas narrativas distintas: a narrativa da adversidade resiliente e a narrativa da adversidade sofredora/vitimizadora, sendo a primeira mais veiculada pelas mulheres ofensoras e a segunda pelos homens ofensores. Discutem-se as implicações destes resultados em termos de intervenção.

Abstract: The investigation with sexual offenders has the means to identify explanatory factors for the crime, to proceed with it's classification, and to find specificities of what distinguishes it. Most studies are of a quantitative nature, with few studies that seek to understand their life trajectory based on the self-report of their history, which allows them to understand how they build their life history, their identity and how they integrate the past, , present and future. Considering that sexual crimes have a great negative connotation

and those who practice them are subject to social stigmatization and alarmism, it's important to understand how sexual offenders integrate this in their life history and in the construction of their identity. The present work seeks to adapt a narrative approach in the understanding of different sexual offenders, contrasting the narratives of abusers with those of rapists, of women offenders with that of male offenders and of those who have psychopathology indicators and those who don't.

The McAdams Life Story Interview was administered individually to 11 participants convicted of sexual crimes, proceeding to a narrative analysis of the data. The results indicate differences in the report between the different offenders, but, overall, they identify a narrative that focuses on adverse early family experiences and that no participant acknowledges having perpetrated sexual crime. However, from this narrative, two distinct narratives emerge: the narrative of resilient adversity and the narrative of suffering/victimizing adversity, the first of which is carried by the offending women and the second by the offending men. The implications of these results in terms of intervention are discussed.

Palavras-Chave: agressores sexuais; narrativa; identidade; história de vida; reclusão

Keywords: sexual offenders; narrative; identity; life's story; reclusion.

Índice

Enquadramento Teórico	1
Violência sexual – Definição e tipos de violência.....	2
Tipologias de ofensores sexuais	3
Tipologias de violadores	4
Tipologias de abusadores sexuais de crianças.....	4
As mulheres ofensoras sexuais	5
Teorias explicativas e investigação sobre as ofensas/ofensores sexuais	6
A necessidade de uma abordagem narrativa	10
Objetivos	13
Método	14
Participantes, amostragem e procedimento de recolha de dados	14
Instrumentos	16
Estratégia de análise utilizada e procedimentos	16
Resultados e discussão	17
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	34

Enquadramento Teórico

Nas últimas décadas assistiu-se ao desenvolvimento de uma vasta investigação sobre os crimes sexuais e, especificamente, estudos focados nos agressores sexuais (Vandiver, Braithwaite, & Stafford, 2016). Neste âmbito, a investigação tem-se dedicado principalmente a compreender as causas explicativas dos crimes sexuais, procurando encontrar especificidades ou o que distingue os ofensores sexuais relativamente aos que cometem outros tipos de crime (Vandiver et al., 2016).

Na sua maioria os estudos são de natureza quantitativa, encontrando-se uma grande diversidade de respostas em função das teorias em que se inscrevem – ou seja, encontram-se explicações distintas ligadas às diferentes teorias explicativas do crime, em geral, e dos crimes sexuais, em particular. Assim, vários estudos procuram analisar as características intra-individuais, como traços de personalidade (e.g. Gingrich & Campbell, 1995; Sigler, 2017), estilos de pensamento (Marshall, Marshall, & Ware, 2009), ativação sexual (Babchishin, Curry, Fedoroff, Bradford, & Seto, 2017), pré-disposições biológicas (Siegert & Ward, 2003; Ward & Beech, 2005), outros salientam as questões da aprendizagem social e de fatores sociais (Akers, 2009), os aspetos desenvolvimentais (Smalbone & Cale, 2015) e, ainda, os que defendem uma abordagem integradora (Ward & Beech, 2016).

São escassos os estudos procuram compreender a trajetória de vida dos ofensores sexuais a partir da autorrelato da sua história de vida, que permita entender como constroem a sua história de vida, a sua identidade e como integram o passado, presente e futuro. Como indica McAdams (1996, 2008), as pessoas dão sentido às diversas experiências que vão tendo ao longo da vida, organizando-as numa história, sendo esta história de vida que lhes permite um sentido de coerência, continuidade, significado e propósito. Experiências de vida difíceis ou que causem algum tipo de rutura, como o ser condenado por um crime e a própria reclusão, podem representar um desafio à coerência da história de vida e à identidade dos sujeitos (Van Ginneken, 2014).

Considerando que os crimes sexuais possuem uma grande conotação negativa (Schultz, 2014) e quem os pratica é alvo de estigmatização social e alarmismo (Cubellis, Evans, & Fera, 2019), é importante compreender como é que os ofensores sexuais integram isto na sua história de vida e na construção da sua identidade. Assim, o presente trabalho procura adaptar uma abordagem narrativa na compreensão dos ofensores

sexuais, de forma a permitir, por um lado, contribuir ao nível do conhecimento teórico sobre este tipo de ofensores e, por outro, identificar aspetos ou dimensões identitárias que possam ser trabalhados na intervenção psicoterapêutica.

Violência sexual – Definição e tipos de violência

A Violência Sexual é definida pela Organização Mundial da Saúde (2018) como “*todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho*”, tratando-se de um problema de saúde pública. Da revisão da literatura é possível identificar a violência sexual perpetrada contra adultos (NIPSVS, 2018) e a violência sexual contra crianças (abuso sexual infantil) (Butchart, Harvey, Mian, & FURNISS, 2006).

O National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NIPSVS) (2018) identifica 4 tipos de vitimação sexual adulta: (i) a violação, (ii) a tentativa de violação, (iii) a coerção sexual e (iv) o contacto sexual indesejado. A violação e a tentativa de violação são descritas como a penetração vaginal, oral ou anal indesejada, na forma tentada ou consumada, através do uso da força física, ameaças de danos físicos e pode incluir a vítimas estar incapaz de manifestar resistência (como estar sob o efeito de drogas, álcool, etc.). Inclui também as situações em que uma vítima é forçada a penetrar sexualmente alguém. A coerção sexual, no NISVS, refere-se a sexo vaginal, oral ou anal indesejado depois de ser pressionado de outras formas que não a força física – insistência recorrente, chantagem emocional, promessas falsas, ameaça de terminar um relacionamento, espalhar boatos, uso da influência ou autoridade. O contato sexual indesejado é descrito como uma experiência sexual indesejada que envolve o toque, mas não a penetração sexual, como beijos ou carícias de teor sexual.

Define-se por abuso sexual infantil a implicação de uma criança em atos sexuais que ela não é capaz de compreender, sobre os quais é incapaz de dar consentimento ou não está preparada em termos de desenvolvimentais ou, ainda, que violam as leis ou parâmetros sociais (Butchart et al.,2006). Os ofensores podem ser adultos ou outras crianças que, por diferenças de idade ou da fase desenvolvimental, estão numa posição de responsabilidade, confiança ou poder sobre a criança vitimada (Butchart et al.,2006; Kloppen, Haugland, Svedin, Maehle, & Breivik, 2016). O abuso sexual infantil engloba

um vasto leque de atos sexuais (Kloppen, et al., 2016). Por exemplo, Gilbert e colaboradores (2009) postulam três tipos de abuso: (i) o abuso sexual com penetração, incluindo a penetração oral; (ii) o abuso sexual de contato, ou seja, toques sexuais; e (iii) o abuso sexual sem contato.

Tipologias de ofensores sexuais

A investigação indica que os agressores sexuais são uma população heterogénea, variando em termos do comportamento perpetrado, características, motivações e risco de reincidência (Hanson, Harris, Helmus, & Thornton, 2014; Wojcik & Fisher, 2019). Uma parte considerável dos estudos procuram identificar, medir e explicar as características e as motivações dos ofensores sexuais, propondo tipologias de ofensores sexuais (Wojcik & Fisher, 2019). Neste âmbito, identificam-se uma grande variedade de métodos utilizados na identificação de tipologias, desde descrições clínicas, clusters demográficos, perfis sociométricos, até classificações derivadas da teoria (Wojcik & Fisher, 2019).

Os ofensores sexuais têm disso tipificados com base nas suas características e nas motivações subjacentes ao comportamento sexual violento, bem como nas idades preferenciais das suas vítimas. A maioria das tipologias diferencia os agressores sexuais cujas vítimas são crianças (abusadores de menores) daqueles cujas vítimas são adultas. Há ainda investigação mais recente que analisa especificamente os que perpetraram crimes sexuais quer como crianças como com adultos (e.g. Rice & Knight, 2018). Outras tipologias consideram também o sexo do ofensor (ofensores homens versus ofensores mulheres) e a sua faixa etária (ofensores adultos vs. ofensores juvenis) (Wojcik & Fisherm, 2019). Mais recentemente têm sido propostas tipologias que diferenciam entre ofensores que cometem ofensas por contacto e os só cometem ofensas online (Tener et al., 2015; Wojcik & Fisherm, 2019).

Na verdade, não há uma proposta consensual na tipificação dos ofensores sexuais e a investigação sobre algumas tipologias existentes é limitada e com resultados inconsistentes (Wojcik & Fisherm, 2019). A investigação e literatura mais recentes indicam que há ofensores que não se encaixam completamente numa tipologia, mas que partilham características de várias ou, até, que não apresentam características de nenhuma (e.g. Rice & Knight, 2018; Wojcik & Fisherm 2019).

No entanto, há tentativas de classificação dos ofensores sexuais e, da revisão da literatura, há propostas de tipologias para os que agridem sexualmente adultos (violadores) e para os abusadores sexuais de crianças.

Tipologias de violadores

No que diz respeito aos violadores, apesar de constituírem um grupo heterogêneo, com histórias pessoais e criminais idiossincráticas, partilham de algumas características. A investigação tem considerado a motivação de natureza sexual vs. não sexual da violência sexual dos violadores o nível de força física usada e a existências de outros problemas antissociais (Wojcik & Fisherm, 2019). Da revisão a que procederam, Wojcik e Fisherm (2019) identificaram 5 tipologias transversais a várias propostas de classificação: (1) o violador compensatório, (2) o violador sádico, (3) o violador rancoroso, (4) o violador controlador e (5) o violador oportunista/antissocial (c.f., Wojcik & Fisherm 2019). No entanto, estas tipologias não consideram as distorções cognitivas e não há investigação consistente e relevante que as valide empiricamente. Assim, não são muito valorizadas na avaliação clínica e no tratamento dos ofensores sexuais (Wojcik & Fisherm, 2019).

Tipologias de abusadores sexuais de crianças

Os abusadores sexuais de crianças apresentam características sociodemográficas distintas, podem ser homens ou mulheres, com diferentes orientações sexuais, não escolhendo raça nem estatuto socioeconómico (Wojcik & Fisherm 2019). São descritos como tendo défices ao nível das competências sociais, problemas de solidão e de autoestima, sentimentos de inutilidade, humilhação, desvalorização e frustração (Robertillo & Terry, 2007; Wojcik & Fisherm, 2019). Tipicamente são diferenciados em função de terem ou não preferência exclusiva por crianças. Assim, os que têm uma preferência exclusiva por crianças são denominados de preferenciais, tendo atração persistente, contínua e compulsiva por crianças e que, geralmente, também apresentam preferência por uma determinada idade e sexo das vítimas. Os abusadores não exclusivos, denominados de situacionais, a sua atração principal são os adultos, mas, por fatores de

stress ou das circunstâncias, também agredem sexualmente crianças (Groth & Birnbaum, 1978, citados por Wojcik & Fisherm, 2019).

Ao abusadores preferenciais, geralmente sentem-se atraídos por crianças desde a adolescências e identificam-se com as crianças (Finkelhor, 1984). Muitos destes são diagnosticados com tendo pedofilia, ou seja, apresentarem fantasias recorrentes e intensas, excitação sexual, impulsos sexuais ou comportamentos que envolvem atividades sexuais com crianças pré-púberes (American Psychiatric Association, 2017). Os abusos normalmente são premeditados e não resultam de stressores externos (Robertillo & Terry, 2007; Wojcik & Fisherm, 2019).

Contrariamente, os agressores situacionais preferem a interação sexual com adultos, mas desenvolvem, durante a idade adulta, uma atração secundária por crianças despoletada por e é stressores externos - desemprego, problemas conjugais, solidão, abuso de substâncias, ansiedade, etc. (Robertillo & Terry, 2007). O envolvimento sexual com crianças tende a ser temporário, vitimam as crianças a quem têm fácil acesso e normalmente os alvos são adolescentes do sexo feminino (Robertillo & Terry, 2007; Terry & Tallon, 2004).

As mulheres ofensoras sexuais

A investigação indica que a prevalência da perpetração sexual feminina é baixa, não ultrapassando os 2% (Wojcik & Fisherm, 2019). No entanto, as ofensoras sexuais constituem um grupo heterogêneo, variando nas suas características, motivação, comportamentos e padrões de ofensas (Wojcik & Fisherm, 2019). Foram desenvolvidas tipologias específicas para as mulheres agressoras, dado que a maioria das tipologias existentes não são aplicáveis (Vandiver & Kercher, 2004 citados por Wojcik & Fisherm, 2019).

Assim, há tipologias mais dirigidas para os abusos sexuais de crianças e outras para a violência sexual contra adultos. Uma das principais tipologias para mulheres, mais aplicável ao abuso sexual de crianças foi proposta por Matthews, Mathews e Speltz (1991, citados por Wojcik & Fisherm, 2019), que identificaram 3 tipos de agressoras: a professora/ amante, coerção masculina/acompanhada, prediposta/auto-iniciada. A professora/amante normalmente abusa de adolescentes, usando a sua posição de poder (e.g., professor, orientador). As agressoras coagidas/acompanhadas por um companheiro masculino praticam o crime sob coação ou por medo, tendendo a vitimar os próprios

filhos. Neste grupo há as que se envolvem diretamente no abuso e as que procuram vítimas e as expõe a atividades sexuais ou a pornografia (Wojcik & Fisherm, 2019), podendo atuar também por ciúmes e raiva. As predispostas ou auto-iniciadas também vitimam os próprios filhos ou crianças sob o seu cuidado, mas não com um companheiro.

No que diz respeito a agressões sexuais contra adultos, investigações recentes procuraram descrever mulheres que agridem sexualmente outras mulheres adultas ou pós-púberes. Vandiver e Kercher (2004, citados por Wojcik & Fisherm, 2019) identificaram as agressoras homossexuais criminosas e as agressoras homossexuais agressivas. As primeiras são motivadas por ganhos económicos e envolvem-se na exploração ou prostituição forçada de outras mulheres. As segundas vitimam mulheres adultas, normalmente no contexto de violência na relação de conjugalidade, sendo motivadas por raiva, ciúmes ou retaliação.

As tipologias específicas para mulheres indicam a especificidade da agressão feminina, revelando a necessidade de intervenção e prevenção diferenciadas. Comparativamente aos homens agressores há aspetos comuns, como a motivação sexual, mas uma característica distintiva é a prevalência do abuso com um cúmplice ou companheiro (Nathan & Ward, 2002 citados por Wojcik & Fisherm, 2019).

Teorias explicativas e investigação sobre as ofensas/ofensores sexuais

A literatura e a investigação têm procurado explicar a ocorrência das agressões sexuais. As explicações descrevem os mecanismos e processos causais subjacentes aos fenómenos, permitindo prever a probabilidade da sua ocorrência no futuro (Ward & Beech, 2016) Assim, as teorias científicas sobre a agressão sexual procuram explicar e prever o fenómeno, desenvolvendo estudos que validem ou sustentem as explicações que postulam (Ward, Polascheck, & Beech, 2006).

Ward e colaboradores (2006) compilaram um vasto leque de teorias que tentam explicar o fenómeno. Realçam as teorias multifatoriais (nível I) que apresentam explicações abrangentes e multifatoriais para as ofensas sexuais, ou seja, a partir das principais características dos ofensores sexuais procuram explicar o que causa o fenómeno e como se expressam em comportamentos sexuais abusivos. Distinguem também as teorias de fator único (nível II), que procuram explicar o fenómeno com base em fatores únicos que são considerados determinantes nos crimes sexuais – tais como os

défices de empatia, défices de autocontrolo, distorções cognitivas, défices ao nível da intimidade, etc. Por fim, referem ainda os modelos descritivos (nível III), tratando-se de micromodelos que procuram especificar os fatores cognitivos, comportamentais, motivacionais e sociais associados aos comportamentos sexuais abusivos ao longo do tempo (Ward et al., 2006)

Da análise crítica das várias teorias, defendem a necessidade de uma teoria global que integre as teorias dos três níveis numa explicação unificada para as ofensas sexuais (Ward & Beech, 2016; Ward et al., 2006). Assim, Ward e Beech (2016) propõe a Teoria Integrada das Ofensas Sexuais (TIOS) para explicar de forma integrada o início, o desenvolvimento e a manutenção das ofensas sexuais. De acordo com esta teoria, as ofensas sexuais são consequência da interação entre vários conjuntos de fatores que operam em diferentes níveis e que ocorrem em diferentes áreas do funcionamento humano: biológico (evolução, variações genéticas e neurobiologia), ecológico (ambiente social e cultural, circunstâncias pessoais, ambiente físico), sistemas neuropsicológicos centrais e ao nível da agência pessoal. Assim, a teoria integrada articula os contributos das várias teorias que têm obtido maior sustentação empírica.

Da análise da investigação, verifica-se também o foco na análise epidemiológica do fenómeno, ou seja, estudos de prevalência e de incidência. Estes estudos procuram estimar a frequência de novos casos (incidência) e a frequência cumulativa das ofensas sexuais, ou seja, a frequência da agressão sexual que ocorre em algum momento da vida de um indivíduo (prevalência) (Wojcik & Fisherm, 2019). As taxas são variáveis, dependendo da variabilidade dos instrumentos utilizados, do período temporal estabelecido, bem como do que é definido como sendo ofensa sexual (Wiseman & Chris Lobanov-Rostovsky, 2019). No entanto, é possível concluir que a violência sexual assume valores preocupantes. Por exemplo, Tjaden e Thoennes (2006) indicam que 17,6% das mulheres e 0,3% dos homens relatam ter vítimas de violação em algum momento da sua vida.

Outro foco da investigação é a análise da taxa de psicopatologia ou problemas mentais entre os ofensores sexuais (e.g. Booth & Gulati, 2014; Stinson & Becker, 2011). Apesar de não ser possível estabelecer a taxa precisa de doenças mentais graves entre os agressores sexuais, há vários estudos que procuram analisar esta questão (Moulden & Marshall, 2017). Neste âmbito, os estudos indicam que os ofensores sexuais com problemas mentais constituem um segmento pequeno, mas significativo, requerendo tratamento e recursos específicos (Booth & Gulati, 2014; Moulden & Marshall, 2017).

Além de partilharem com os agressores em geral problemas de consumo de substâncias e personalidade antissocial, apresentam uma maior prevalência de perturbações de humor e de ansiedade, parafilias, problemas de controlo de impulsos, Hiperatividade e défice de atenção, problemas psicóticos, bem como outros tipos de perturbação de personalidade (Stinson & Becker, 2011). A investigação indica que os agressores sexuais com doença mental diagnosticada apresentam maiores taxas de internamento e de diagnóstico no eixo I (Moulden & Marshall, 2017).

Embora partilhem características, alguns estudos indicam diferenças entre os agressores sexuais com e sem doença mental – os agressores sexuais com doenças mental diagnosticada apresentam maior isolamento social, têm hospitalizações mais frequentes e taxas mais altas de comorbilidade psiquiátrica, enquanto que os que não têm doença mental apresentam um historial de abuso físico e sexual, historial familiar dependências e patologias, ofensas sexuais mais intrusivas e maior versatilidade criminal (Moulden, Chaimowitz, Mamak & Hawes (2014) Mais importante ainda é que o facto da investigação indicar a doença mental como preditor do risco de reincidência sexual, ou seja, ofensores sexuais com doença mental grave têm uma elevada probabilidade de reincidir em crimes sexuais (Moulden & Marshall, 2017).

No seguimento, outro foco da investigação é a identificação das taxas de reincidência. A investigação neste âmbito indica que os agressores sexuais, independentemente do tipo de ofensa sexual, têm mais elevadas taxas de reincidência geral do que ao nível a reincidência sexual (Przybylski, 2015). Ou seja, a investigação sugere que os ofensores sexuais são muito mais propensos a reincidir por um crime não sexual do que um crime sexual. No entanto, quando comparados com agressores não sexuais, a investigação indica que são muito mais propensos do que ofensores não sexuais a reincidir num crime sexual. As taxas de reincidência sexual dos agressores sexuais situam-se entre os 3% após 3 anos e os 24% após 15 anos (Przybylski, 2015), sendo os abusadores de crianças cujas vítimas são do sexo masculino os que têm as taxas mais elevadas de reincidência.

Os estudos que procuram caracterizar os ofensores sexuais e explicar o comportamento sexual abusivo, associados às diferentes teorias, verifica-se que são também maioritariamente quantitativos – procuram identificar as características sociodemográficas, psicológicas e/ou clínicas, sociais ou desenvolvimentais dos agressores, seja de forma isolada ou conjuntamente, bem como identificar os preditores ou fatores de risco para a violência sexual. Por outro lado, ainda, como se verificou na descrição das tipologias, grande parte da investigação tem-se dedicado também a

identificar ou a validar tipologias para os ofensores sexuais, no sentido de delinear estratégias diferenciadas de intervenção e prevenção (cf., Wojcik & Fisherm, 2019).

Paralelamente, embora em menor número, há um conjunto de autores que têm defendido a necessidade de desenvolver estudos qualitativos com os agressores (Nee, 2004), incluindo os agressores sexuais (Blagden & Pemberton, 2010). Nee (2004) indica que a investigação tem estado distanciada da fonte de informação sobre o crime mais importante, o agressor. Tem-se chamado a atenção para a necessidade de colocar o ofensor no centro da investigação, ou seja, de recorrer ao próprio ofensor como expert experiencial, possibilitando ter uma imagem mais rica e esclarecedora sobre o crime e o seu agente (Blagden & Pemberton, 2010; Nee, 2004). Como refere Nee (2004, p. 19), “to undertake crime research without involving the offender’s perspective should be seen as trying to write a play without characters”, sendo essencial o desenvolvimento de investigação qualitativa aprofundada com agressores sexuais (Blagden & Pemberton, 2010).

Assim, identificam-se alguns estudos qualitativos, desenvolvidos essencialmente com mulheres ofensoras (e.g. DeCou, Cole, Rowland, Kaplan, & Lynch, 2014; Kein, 2012; McNulty, 2012) e com jovens (e.g. Gerhard-Burnham et al., 2016; Sandvik, Nasset, Berg, & Sondenaa, 2017). No caso das mulheres ofensoras, os estudos centram-se em identificar no relato das participantes a identificação de vulnerabilidades (Kein, 2012; McNulty, 2012) ou experiências traumáticas (Harrati, Coulanges, Derivois, & Vavassori, 2018) que promoveram o cometimento das ofensas sexuais.

No caso dos jovens, os estudos identificam situações de vida e familiares - como a perda das figuras parentais, exposição precoce à pornografia, práticas parentais inadequadas - que concorreram para as dificuldades de regulação emocional e o desenvolvimentos de distorções cognitivas que sustentam as ofensas sexuais e a sua legitimação (Gerhard-Burnham et al., 2016; Sandvik et al., 2017).

Além destes, identificam-se também estudos com ofensores sexuais masculinos, nomeadamente com abusadores infantis acerca das suas circunstâncias de vida (Sheehan & Sullivan, 2010). Por exemplo, Sheedan e Sullivan (2010) identificaram situações adversas de vida entre os abusadores de crianças, tais como negligência, abandono, violência e exploração/abuso sexual na infância, além de formas de socialização atípicas, tais como o isolamento social.

Há também estudos sobre a perceção dos ofensores sexuais acerca do tratamento e da prisão (Connor, Copes, & Tewksbury, 2011; Cooper & Holgersen, 2016), concluindo a

existência de percepções e vivências ambíguas. Outros estudos analisam as experiências emocionais associadas ao crime (Brennan, Swartout, Cook, & Parrott, 2016) e os motivos da reincidência (Wakeling & Saloo, 2018). Brennan e colaboradores (2016), num estudo qualitativo com ofensores sexuais identificaram quatro principais respostas emocionais à perpetração das ofensas - vergonha, culpa, depressão e raiva – chamando a atenção para a sua consideração na intervenção. Wakeling e Saloo (2018), num estudo com ofensores reincidentes, concluíram que a rotulação e estigmatização dos sujeitos como “agressores sexuais” dificulta a reconstrução de uma nova identidade e criam obstáculos a oportunidades de emprego e de socialização – sendo os fatores que os reincidentes identificaram.

A necessidade de uma abordagem narrativa

Numa ótica construtivista e construcionista social, há autores que defendem a natureza narrativa do ser humano, isto é, que os acontecimentos e as situações adquirem sentido e significado para os sujeitos quando organizados numa narrativa, em forma de história (McAdams, 2008; Morgan, 2002). As pessoas envolvem-se na actividade de contar uma história sobre o que lhes aconteceu, sobre os diferentes acontecimentos ao longo do tempo, organizando-os em termos temporais e de significado (McAdams, 2008). O acto de narrar ou contar a sua história é retirar e construir significado das experiências vividas ao longo da vida e o construir a sua visão sobre si próprio, a sua identidade (McAdams, 2008; Morgan, 2002).

Assim, a abordagem narrativa procura entender como as pessoas constroem a sua história de vida, a sua identidade, e como é que integram o seu passado (reconstruído), o presente (percebido) e o futuro (antecipado) (McAdams, 1996). As histórias de vida e as narrativas que os sujeitos constroem fornecem um sentido de coerência, significado e propósito. Há situações na vida, experiências, que representam mudanças abruptas na história de vida e representam desafios à identidade (Mansfield, Pasupathi, & McLean, 2015; McAdams, 2004; Pals, 2006).

Ora, os agressores no geral e, especificamente os agressores sexuais, não constituem excepção, sendo importante considerar também a natureza narrativa dos ofensores para compreender o seu envolvimento em ofensas sexuais e a forma como lidam com os seus efeitos. Como referem Pals e McAdams (2004), a criação de significado é o processo ativo

de reavaliar um evento, tornando-se, assim, importante identificar os significados construídos pelos ofensores sexuais, principalmente face à situação de reclusão e os motivos que os levaram a tal situação.

A abordagem narrativa contribui para o desenvolvimento de uma melhor compreensão da criminalidade, podendo aplicar-se a diversos tipos de ofensores (Ioannou, Canter, Youngs, & Synnott, 2015), incluindo os que apresentam psicopatologia (Spruin, Canter, Youngs, & Coulston, 2014). Esta abordagem permite também compreender melhor o processo de reabilitação e da desistência do crime (Maruna, 2001; Ward & Marshall, 2007), havendo estudos que indicam que as autonarrativas podem permitir ou dificultar a reconstrução das identidades dos ofensores para que a criminalidade não faça parte delas. Assim, a abordagem narrativa permite não só compreender os motivos do crime bem como o processo de desistência e/ou reincidência, indo para além das explicações comportamentais (Presser, 2009, 2012).

Da revisão da investigação, identificam-se alguns estudos que assumem esta abordagem. Alguns centram-se na experiência da reclusão e no crescimento pós-traumático (Ginneken, 2014; Mansfield et al., 2015), outros sobre a desistência do crime vs. reincidência (e.g. Harding, Dobson, Wyse, & Morenoff, 2017; Herrschaft, Veysey, Tubman-Carbone, & Christian, 2009), incluindo o processo terapêutico (Adshead, 2011; Waldran, 2008). Na sua maioria realçam a componente identitária das narrativas, essencial para a compreensão do crime e da sua reincidência e/ou desistência (e.g. Adshead, 2011; Ginneken, 2014; Presser, 2004)

Ginneken (2014), num estudo com 6 mulheres reclusas, analisou a adaptação à prisão, identificando uma narrativa de crescimento pós-traumático. As mulheres refeririam que, após a crise inicial despoletada pela prisão, que colocou em causa a sua perceção do mundo, conseguiram significar a prisão como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, permitindo a reconstrução positiva da sua identidade.

Também Mansfield e colaboradores (2015) que procurou analisar as narrativas de transgressão numa ótica de crescimento pessoal e como influenciam o bem-estar e o funcionamento positivo, identificando histórias de transgressão pessoais que dificultam o funcionamento positivo (e.g. ausência de auto-compaixão, incapacidade de perdoar os outros).

O estudo de Harding e colaboradores (2017) analisou as narrativas de reclusos reincidentes e ex-reclusos para compreender como as narrativas mudam ou não face a experiências contraditórias e dificuldades estruturais após a sua libertação. Concluíram

que 4 fatores influenciam a mudança e estabilidade das suas narrativas, promovendo a reincidência ou a reintegração bem sucedida: (i) as circunstâncias estruturais com que se deparam e a sua compatibilidade com as suas expectativas, (ii) o grau de conflito entre os contextos institucionais onde se inserem e as suas expectativas, (iii) o grau das oportunidades que a rede social lhes fornece para serem bem sucedidos e (iv) o conteúdo narrativo relativo à capacidade de anteciparem ou integrarem desafios e situações ambíguas.

Presser (2004), por exemplo, indica que a narração de histórias e o momento da própria entrevista permite a construção da identidade, descrevendo as identidades veiculadas por ofensores violentos. Concluem que os ofensores procuram dar significado ao seu “eu” moral, procurando distanciar-se ou excluírem-se do social problemático “ofensores violentos”.

Adshad (2011) indica que a identidade é criada nas narrativas e histórias, principalmente quando envolve um crime violento. Conclui que os ofensores têm uma história de “capa”, superficiais e incoerentes, sendo necessário intervir de forma a permitir histórias mais ricas e reflexivas para haver mudança ao nível identitário.

Herrschaft e colaboradores (2009) identificaram características diferentes nas narrativas das mulheres e homens ofensores, indicando a componente mais relacional na narrativa das mulheres e a componente mais ao nível do estatuto social na narrativa dos homens, concluindo que a intervenção tem de considerar esta especificidade identitária distinta.

Especificamente com ofensores sexuais, Hamilton (2017) analisa os efeitos da estigmatização e da vergonha na identidade narrativa dos ex-reclusos sexuais, identificando as repercussões negativas ao nível interpessoal, psicológico e social.

Moertl, Buchholtz e Lamott (2010) num estudo com ofensores sexuais na Alemanha identificaram 5 formas dos agressores se posicionarem na vida e na história do crime: o homem compreensivo; o homem egoísta e sexualmente agressivo; o homem impotente; o homem seduzido e inocente; e o homem indefeso e humilhado.

Waldram (2008, 2010) nos seus estudos de caso identificou nos agressores sexuais noções positivas e morais do “eu”, concluindo que a agência moral na narrativa dos sujeitos deve ser promovida para conseguir a sua mudança.

Da análise da literatura narrativa com ofensores sexuais, não se identificam estudos que analisem comparativamente homens e mulheres ofensores e, simultaneamente,

ofensores sexuais com psicopatologia e sem psicopatologia. Assim, o presente estudo procura colmatar esta lacuna.

Neste seguimento, o presente estudo procura adotar uma abordagem narrativa na investigação com ofensores sexuais, cujo foco é compreender como os reclusos condenados pelo crime de violência sexual constroem e compreendem a sua trajetória de vida. O estudo das narrativas assume relevância, dado que as narrativas orientam as ações e, portanto, podem ajudar a compreender eventuais diferenças na forma como os ofensores sexuais lidam com o crime - incluindo o seu reconhecimento ou negação, a sua responsabilização ou desresponsabilização, a sua legitimação ou arrependimento, a desistência ou a reincidência. A forma como as pessoas organizam e significam os acontecimentos da sua vida e como se percecionam a si próprias veiculam o processo de construção e de reconstrução da identidade, que, no caso dos agressores sexuais, poderá ajudar a compreender o seu posicionamento sobre o crime pelo que estão condenados e, conseqüentemente, a possibilidade de desistirem ou reincidirem do crime quando restituídos à liberdade.

Objetivos

No presente estudo, pretende-se explorar as trajetórias de vida dos agressores sexuais, ou seja, compreender a história de vida dos que estão condenados e a cumprir pena efetiva de prisão por crimes sexuais. Considerando as diferenças que a investigação indica entre os violadores e os que abusam sexualmente de crianças, bem como entre as mulheres e os homens que cometem ofensas sexuais e, ainda, os que têm psicopatologia vs. sem psicopatologia, procura-se contrastar as narrativas da história de vida dos abusadores com a dos violadores, as narrativas das mulheres ofensoras com a dos homens ofensores e as narrativas dos ofensores que têm indicadores de psicopatologia e os que não têm tais indicadores.

Para tal, colocam-se as seguintes questões (Q) de investigação:

Q1 – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida dos ofensores sexuais? Que elementos integram e como descrevem esses temas? O crime porque estão condenados é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, como?

Q2 – Como se descrevem a si próprios e aos outros? Como constroem a sua identidade?

Q3 - Há diferenças em função das características dos ofensores (homens vs. Mulheres; com patologia vs. sem patologia) e tipo de crime (abusadores vs. violadores). Se sim, quais? Em que distinguem?

Q4 – É possível identificar uma narrativa comum entre os diferentes tipos de ofensores ou há narrativas distintas? Como se articulam essas narrativas com os crimes sexuais?

Método

Participantes, amostragem e procedimento de recolha de dados

Este estudo integra 11 participantes, condenados por crimes sexuais, selecionados pelos seguintes critérios de inclusão: (i) estar condenado pelo crime de Abuso Sexual e/ou Violação; (ii) a cumprir pena efetiva de prisão; (iii) possuir capacidades cognitivas mínimas á compreensão e relato de situações, problemas e acontecimentos; (iv) e não apresentar indicadores de consumo ativo de substâncias psicoativas.

Tendo em conta os objetivos dos estudo, a seleção dos participantes adotou uma estratégias de amostragem intencional teórica (Flick, 2007), ou seja, participantes que melhor pudessem ser uma fonte de dados para o objeto de estudo e selecionados de acordo com os critérios considerados teoricamente importantes: sexo, tipo de crime sexual e presença vs. ausência de indicadores de psicopatologia. Assim, para obter maior variabilidade e conseguir dados de comparação, procurou-se incluir ofensores sexuais de ambos os secos, abusadores de menores e violadores e ofensores com e sem indicadores de psicopatologia (cf. tabela 1).

Para se efetuar a recolha, foi formulado e enviado um pedido de autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e, após a devida autorização, procedeu-se ao contato com os Estabelecimentos Prisionais, com a intenção de divulgar o estudo e agendar uma ida aos mesmos para efetuar a recolha de dados. Foram informados sobre os critérios de inclusão, tendo a direção de cada estabelecimento prisional identificado potenciais participantes. Desta seleção, a investigadora reuniu individualmente com cada participante para indagar a possibilidade de colaboração na investigação – recorrendo-se ao consentimento informado elaborado para o presente estudo, clarificou-se o objetivo geral do estudo, os procedimentos, bem como o carácter

voluntário da participação e o anonimato. De todos os potenciais participantes com quem se reuniu apenas 4 não revelaram interesse em colaborar.

Relativamente à administração dos instrumentos, esta ocorreu em duas fases. Na primeira fase administrou-se um questionário Sociodemográfico e Criminal (que permitiu recolher dados sociodemográficos, jurídico-penais e prisionais) e o *Brief Symptom Inventory* (BSI), para identificar os sujeitos com indicadores de psicopatologia e sem indicadores de psicopatologia. Numa segunda fase foi administrada a entrevista da história de vida, gravada em áudio e, posteriormente, transcrita na íntegra. Toda a recolha ocorreu individualmente, tendo a primeira fase demorado cerca de 30 min e a segunda fase cerca de 1 hora.

É de referir que para a identificação do tipo de crime sexual, esta informação foi disponibilizada pela direção do Estabelecimento Prisional. No âmbito da avaliação dos problemas de consumo ativo de substâncias psicoativas, o estabelecimento prisional selecionou previamente os reclusos que haviam passado nos testes de rotina para despiste do consumo de drogas/álcool.

Tabela 1: Participantes do estudo

Participantes	Tipo de crime	Sexo	Psicopatologia
Participante 1	Abuso Sexual de Crianças Agravado	Feminino	Sem psicopatologia
Participante 2	Abuso Sexual de Crianças	Feminino	Com psicopatologia
Participante 3	Abuso Sexual de Crianças Agravado na forma consumada	Feminino	Com psicopatologia
Participante 4	Abuso Sexual de Crianças	Feminino	Com psicopatologia
Participante 5	Violação	Masculino	Sem psicopatologia.
Participante 6	Abuso Sexual de pessoa incapaz de oferecer resistência	Masculino	Sem psicopatologia
Participante 7	Violação	Masculino	Sem psicopatologia
Participante 8	Ambos os crimes	Masculino	Com psicopatologia
Participante 9	Violação	Masculino	Sem psicopatologia
Participante 10	Violação	Masculino	Sem psicopatologia
Participante 11	Violação	Masculino	Sem psicopatologia

Instrumentos

- Questionário Sociodemográfico e Criminal que permitiu recolher informação sociodemográfica, jurídico-penal e prisional sobre cada participante.

- O *Brief Symptomatology Inventory* (BSI), traduzido e adaptado para a população portuguesa por Canavarro, (2007). Este instrumento permite obter indicadores de psicopatologia, tendo-se utilizado o índice geral de sintomas para identificar os participantes com e sem indicadores de psicopatologia. Assim, os que obtêm valor igual ou superior a 1.7 são considerados como estando na população com perturbação emocional (Canavarro, 2007), sendo este o critério de diferenciação adotado.

- A Entrevista de História de Vida de McAdams (McAdams, 2008 adaptada por Conde, Ferreira, & Garcia, 2019) para obter os relatos dos participantes sobre a sua história de vida, de forma a obter dados adequados para a análise narrativa.

Estratégia de análise utilizada e procedimentos

Recorreu-se à análise narrativa por ser considerada a mais adequada face à natureza dos objetivos do estudo, à abordagem teórica subjacente e à entrevista da história de vida como técnica de recolha de dados (Howitt, 2016; Murray, 2008). Dada a variabilidade de procedimentos encontrados na literatura sobre a análise narrativa, optou-se pelos procedimentos propostos por Howitt (2016), apresentados de forma mais organizada e sistemática. Por outro lado, ainda, estes procedimentos consideram a análise narrativa fundamentada na psicologia narrativa, referindo-se a conceitos como self e identidade decorrentes da narrativa (Murray, 2008) Para organizar a análise recorreu-se ao Software de análise de dados Nvivo10 (QSR international, 2012).

Concretamente, a análise decorreu em 5 etapas (Howitt, 2016):

- 1 leitura e familiarização com os dados - procedeu-se à leitura atenta e cuidada de cada entrevista, repetindo-se cada leitura para conseguir maior familiaridade, mas também começar a formar uma ideia sobre os temas que surgem nos dados.
- 2 Identificação de conceitos/categorias importantes – identificaram-se conceitos centrais na descrição dos dados para obter uma imagem mais global dos significados e dos padrões.

- 3 Identificação dos temas e imagens narrativos – a partir dos significados e dos padrões entre eles, identificaram-se temas mais amplos que organizam as descrições e a narrativa dos sujeitos. Simultaneamente identificaram-se também as imagens narrativas, dado que estas muitas vezes são sobreponíveis aos temas. As imagens foram obtidas do tipo de imagem/metáfora/símbolo que os participantes podem usar ao descrever os "capítulos" ou os principais acontecimentos da sua história de vida.
- 4 Identificação do tom narrativo - o tom narrativo foi avaliado considerando conjuntamente o conteúdo e a maneira/estilo de relatar as experiências
- 5 Identificação das narrativas – a partir do tom, das imagens e dos temas identificados, procedeu-se á sua organização coerente em termos de história/narrativa, identificando de que forma o narrador da história se constrói – aspetos do self/identidade.

Resultados e discussão

Q1 – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida dos ofensores sexuais? Que elementos integram e como descrevem esses temas? O crime porque estão condenados é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, como?

Do relato dos participantes sobre a sua história de vida surgem 5 temas: a família, a reclusão, relações amorosas, o crime e o consumo de substâncias (cf. tabela 2).

Tabela 2: temas mais abordados pelos participantes nas Entrevistas.

Temas	N.º de participantes	N.º de referências
Família	11	181
Reclusão	11	25
Relações Amorosas	7	47
Crime	7	12
Consumo de Substâncias	5	15

É de referir que a maior parte do relato sobre as suas histórias de vida se desenvolve em torno do tema família. Neste âmbito, há um maior foco em aspetos negativos, nomeadamente, experiência de perdas/mortes (10, 56) e problemas de maus tratos e negligência na infância (7, 16). No entanto, há referências a vivências positivas (10,19) familiares com a família de origem e, na família constituída, verifica-se o foco nos filhos como fonte de esperança e motivação para a mudança (7,45).

É de notar a identificação de situações de vida e familiares adversas na trajetória dos participantes vai ao encontro da literatura e dos estudos que indicam que situações de maus-tratos e negligência, perda das figuras parentais, práticas parentais inadequadas e abandonando são comuns na história de vida dos ofensores sexuais (e.g. Gerhard-Burnham et al.,2016; Harrati et al.,2018; Sandvik et al.,2017). Estas experiências traumáticas e adversas (como são as experiências de maus tratos e as perdas que os participantes relatam) podem levar a problemas de regulação emocional e distorções cognitivas que poderão, por sua vez, sustentar ofensas sexuais e a sua legitimação (Harrati et al.,2018; Sandvik et al.,2017; Ward e Beech, 2016)

Perdas/mortes

- **P2:** *Perdi o meu pai muito cedo... fiquei só eu, a minha mãe e as minhas irmãs mais pequenina.*
- **P7:** *Foi o falecimento dos meus tios, mas principalmente de um tio meu que se matou e isso foi mais marcante...*

Foco nos filhos

- **P5:** *Depois co, 17 eu fui pai, foi uma coisa boa, eu não estava à espera mas foi bom.*
- **P1:** *O nascimento da minha filha foi o momento mais feliz da minha vida, a gravidez, tudo.*

Vivências positivas

- **P4:** *a minha vida foi sempre uma vida de rainha, como se costuma dizer. Tive uma infância muito feliz*
- **P9:** *A memória mais positiva que tenho são as férias com o meu pai, passadas na vila. Jogávamos futebol, íamos à pesca..."*

Maus tratos, negligência

- **P6:** *O meu pai era alcoólico, eu andava a pedir para comer e dormia em qualquer lado”*

- **P1:** *“Sofri imenso, vi a minha mãe sofrer bastante por causa do meu pai, sofreu de maus tratos, de violência doméstica, e isso marcou me imenso*

A situação de reclusão, sendo a sua situação atual, é um outro tema central. Aqui referem a sua vivência negativa (7, 9) mas também conceptualizam a reclusão como uma oportunidade e fonte de aprendizagem (6,6). Esta ambiguidade corrobora outros estudos sobre a perceção dos ofensores sexuais acerca da prisão, que referem também a existência de perceções e visões ambíguas (Cooper & Holgersen, 2016; Connor et al., 2011).

Vivências negativas

-**P5:** *Só que me aconteceu o que aconteceu e eu vim preso, a minha vida parou aqui.*

- **P2:** *O meu maior arrependimento foi vir para aqui, que era uma coisa que achava que nunca me ia acontecer, é muito mau estar aqui.*

Reclusão como oportunidade e aprendizagem

- **P7:** *Ter vindo aqui parar, mudou a minha maneira de ver as coisas e foi uma lição de vida*

- **P1:** *É o estar aqui na cadeia, fez me mudar muito a maneira de ser, uma pessoa consegue refletir as coisas e saber aquilo que realmente queremos e não queremos, faz nos crescer muito*

Relativamente às relações amorosas, a sua narrativa é marcada pela ambiguidade, enfatizando, por um lado, a união/afetividade e felicidade na relação (4,25) e, por outro descrevem a existência de problemas (3,3) que culminaram na rutura da relação (4,11).

É de referir que esta ambiguidade na conceptualização/vivência das relações de intimidade adultas pode refletir as dificuldades de regulação emocional já mencionadas e indicadas pela literatura (e.g. Sandvik et al.,2017), bem como os défices ao nível de competências sociais e de intimidade (Robertillo & Terry, 2007). Por outro lado ainda,

há estudos que indicam que fatores de stress e de circunstâncias de vida, como pode ser a rutura de uma relação, podem também promover a agressão sexual, nomeadamente o abuso de menores por abusadores não exclusivos (Wojcik & Fisherm, 2019)

União/afetividade e felicidade

- **P5:** *logo depois com 22 anos eu casei, foi um dos momentos bons, foi um, foram quase 7 anos de casamento”*

- **P4:** *“o meu casamento foi um casamento feliz, estive com o meu marido muitos anos”*

Rutura/separação

- **P4:** *A partir dai, quando me separei para mim foi dizer “chega”, passei por muitas dificuldades (...).*

- **P6:** *Depois eu separei do casamento*

Problemas

- **P5:** *eu era muito focado e depois no casamento eu fiquei um pouco perturbado e aí nessa altura eu comecei com drogas*

- **P1:** *(...) no meu casamento também errei quando estava com o meu ex marido errei, porque assim não é só uma pessoa que erra, errei como esposa, como mãe, como filha, como a irmã, errei em muitos aspetos e arrependo me disso (...)*

O crime é outro tema que surge, na tentativa de justificarem a sua situação atual. Quando abordam este tema, a maioria do seu relato centra-se no arrependimento (4, 6) e nunca referem os crimes sexuais – negam o crime, indicando estar presos por outros tipos de crime ou, ainda, desresponsabilizam-se, colocando a responsabilidade nos outros pelo seu envolvimento em práticas criminais.

Esta negação do crime, recorrendo a outros tipos de crime para justificar a reclusão, pode estar relacionada com a conotação negativa que é dada aos ofensores sexuais (Schultz, 2014), podendo ser uma estratégia para evitar a forte estigmatização social de que são alvo (Cubellis & Fera, 2018).

Arrependimento

- **P7:** *Arrependimento foi o que fiz (...)*

- **P10:** *O meu maior arrependimento é o crime*

Evitamento/negação

- **P1:** *“mexeu muito comigo por causa da situação que me leva a estar aqui na cadeia, devido ao facto de ter sido a outra pessoa a ter abusado da minha filha”*

- **P6:** *Não contava vir preso porque das revistas feitas pela GNR e pela PJ nunca foi encontrada droga nenhuma, fui condenado à convicção, a droga nunca existiu*

Desresponsabilização

- **P6:** *Eu fui condenado à convicção pelas companhias, por amigos que se metem na droga, agora só tenho que me afastar de certas companhias*

- **P2:** *se eu não pensasse nos outros na altura e tivesse pensado em mim, eu não estava aqui dentro. De todo o meu percurso de vida, foi o que mais me arrependi*

Outro narrativa central é o consumo de drogas (5,14) indicando a dependência como motivo dos seus problemas (4,8) mas também o orgulho pela sua superação (3,3). O consumo de substâncias é uma especto comum com os agressores em geral, bem como com os ofensores sexuais (Stinson & Becker, 2011), sendo um fator de risco para a adoção de comportamentos violentos, incluindo os sexuais.

Dependência como motivo dos problemas:

- **P1H:** *Ter-me envolvido com droga, isso para mim foi um fracasso meu*

Superação:

- **P6H:** *Conseguir libertar-me das drogas e do álcool, foi difícil, mas consegui...*

2 – Como se descrevem a si próprios e aos outros? Como constroem a sua identidade?

Ao longo da sua descrição das experiências e situações da sua vida, é possível identificar várias componentes que contribuem para a construção da sua identidade,

nomeadamente, a forma como se caracterizam a si próprios e com os outros, a forma como se projetam no futuro e a dimensão moral das suas crenças e valores.

Os ofensores/as descrevem-se a si próprios, recorrendo também à descrição dos outros como recursos para sustentarem uma autoimagem positiva (cf. tabela 3).

Tabela 3: Descrição dos próprios e com os outros

	N.º de Participantes	N.º de Referências
Autocaracterização	10	31
Resilientes, lutadores, decididos	10	19
Sociáveis, afáveis, cuidadores	6	13
Na relação com os outros	10	27
Vulneráveis às más companhias/circunstâncias	9	19
Suporte Social Positivo	6	8

De uma forma global, apesar do crime e da situação de reclusão, a sua narrativa é organizada de forma a construírem uma autoimagem positiva, caracterizando-se como **resilientes, lutadores e decididos** (10, 19) face á adversidade, mas também como pessoas **afáveis e sociáveis** (6,13).

Resilientes/lutadores/decididos

- **P2:** *Desistir não porque eu nunca fui pessoa de desistir, vou sempre à luta!*

A mulher lutadora que sou é por ele (filho)

Punha, por exemplo “a guerreira”, sei lá... já passei por tanta coisa na vida e nunca desisti, graças a Deus nunca cheguei ao limite

-**P1:** *Fez-me sentir mais madura, cresci muito, fez-me crescer muito.*

Sociáveis, afáveis e cuidadores

- **P5:** *Sou família, sou união, sou, sei lá, sou um bom rapaz, sou amigo de todo mundo.*

- **P6:** *Acho que as pessoas confiam em mim e me respeitam.*
- **P4:** *Fui sempre muito bem estimada por toda a gente.*

Por contraponto, de forma a reforçar a sua autoimagem positiva, descrevem-se na relação com os outros como **vulneráveis às más companhias ou circunstâncias adversas** (9,19), como forma de justificar a situação em que se encontram atualmente (condenados pela prática de crime).

- **P6:** *Isto foi um atraso na minha vida, foi tudo por más companhias*
Com esta situação que se passou na minha vida, tenho que ponderar a escolha das companhias

- **P11:** *As más companhias também não ajudavam*

- **P9:** *O meu maior arrependimento foi dar confiança a certas pessoas, senão se calhar não estaria aqui hoje*

- P4:** *Eu apanhei uma depressão por causa do meu pai.*

Não obstante, ainda que em menor grau, conseguem percecionar algum **suporte social positivo** ao longo da sua vida (6,8,)

- **P8:** *Felizmente o meu pai foi um pai galinha*

- **P6:** *Devemos ouvir os conselhos das pessoas mais velhas, têm mais experiência e já passaram por muitas coisas na vida, estamos sempre a aprender*

Outra dimensão relacionada com os aspetos identitários, é a forma como se projetam no futuro (cf. tabela 4).

Tabela 4: Projeção no futuro

	N.º de Participantes	N.º de Referências
Projeção no futuro	11	33
Conseguir emprego/ter uma profissão	10	15
Constituir/recuperar família	5	8
Evoluir enquanto pessoa	3	4

A construção de uma autoimagem positiva permite que se projetem no futuro de uma forma pró-social ou em conformidade com as regras sociais vigentes, nomeadamente, arranjar um **emprego e ter uma profissão, constituir família e evoluir enquanto pessoa.**

Arranjar emprego/ter uma profissão

P7: - *Voltar a trabalhar, ajudar os meus filhos e os meus netos, voltar à profissão que tinha e que adorava.*

P10: *Quero continuar o capítulo que ficou parado, continuar com a vida que tinha lá fora, principalmente ao nível do trabalho.*

Constituir família:

- **P7H:** *Viver com a família, criar a minha própria família, ter uma casa, um carro, ser feliz.*

Evoluir enquanto pessoa:

- **P6H:** *Organizar a minha vida, trabalhar, respeitar as pessoas, tentar descobrir se algumas pessoas merecem a minha atenção, afastar-me de zonas problemáticas*

Outra dimensão que as suas narrativas veiculam é a dimensão “moral” das crenças e valores (cf. tabela 5).

Tabela 5. Dimensão moral – crenças e valores

	N.º de Participantes	N.º de Referências
Crenças e valores	11	35
Fé religiosa	11	20
Honestidade/amizade/sinceridade.	4	4
Vida como valor	3	3
Família como valor	7	10

Nesta dimensão é de salientar que todos abordam a **fé religiosa/espiritual**, no sentido de lhes proporcionar um sentimento de segurança e proteção.

- **P2H:** *Eu acredito que existe Deus e na bíblia, que é a palavra de Deus, tem bons conselhos e se nós os seguirmos vamos ser bem-sucedidos*

Em termos de valores, salientam a **amizade/ honestidade/sinceridade**, o que lhes permite sustentar a sua autoimagem positiva e diferenciar-se das “más companhias” que referem ao longo da sua história.

- **P5:** *Amizade, sinceridade. Acho que se uma pessoa não for sincera... a sinceridade e a amizade completam-se uma à outra, havendo as duas acho que corre tudo bem.*

Por fim, assumem a **vida como outro valor máximo**, bem como a **família**, contribuindo também para o reforço de uma autoimagem positiva e pró-social.

A valorização da vida:

- **P2:** *O valor mais importante na vida... a vida em si, é o mais importante*

A valorização da família:

- **P6:** *O amor da minha mãe porque ela é minha amiga. Para mim, a minha mãe tudo.*

Como se pode constatar, os participantes procuram construir uma identidade que não inclui a criminalidade, ou seja, reconstruir uma identidade pró-social.. Se, por um lado,

tal se pode entender como uma tentativa de negação de crime, procura de desejabilidade social ou falta de insight acerca do crime, também é igualmente viável fazer uma leitura de possibilidade de mudança na sua trajetória de vida. De um ponto de vista da componente identitária das narrativas, o seu relato pode abrir uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e da reconstrução positiva da sua identidade (Ginneken, 2014). Tal vai ao encontro do estudo de Presser (2004), que identificou no relato dos ofensores a procura do seu “eu moral”, de forma a distanciarem-se da construção social problemática dos ofensores violentos.

3 - Há diferenças em função das características dos ofensores (homens vs. Mulheres; com patologia vs. sem patologia) e tipo de crime (abusadores vs. violadores). Se sim, quais? Em que distinguem?

Da análise comparativa das histórias de vida dos ofensores, identificaram-se alguns aspetos distintivos entre homens e mulheres, entre ofensores com e sem indicadores de psicopatologia, bem como entre abusadores de menores e violadores.

Tabela 6. Comparação ofensores do sexo masculino vs. sexo feminino

Tema	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Consumo de Substâncias	11	3
Maus tratos, Negligência	10	6
Autocaracterização	16	14
Sociáveis, afáveis e cuidadores	9	3
Resilientes e Lutadores	7	12
Como caracteriza os outros	19	6
Crenças e Valores	23	12
Valorização da Amizade e da	4	0
Honestidade	8	2
Valorização da Família		
Tom Vitimizador/Sofredor	22	18

Homens e mulheres abordam os mesmos temas narrativos, mas distinguem-se no tema referente ao consumo de substâncias. São os ofensores do sexo masculino que mais

descrevem uma trajetória de vida relacionada ao consumo de substâncias, assumindo isto como sendo a principal fonte ou o início dos seus problemas/trajetória criminal.

Outra aspecto diferenciador diz respeito à dimensão identitária. São os ofensores homens que mais se centram na sua autocaracterização e na descrição dos outros para reforçar uma autoimagem positiva. Neste âmbito, os homens enfatizam mais a sua componente sociável e afável, bem como são os que relatam a maior vulnerabilidade às más companhias e circunstâncias (muito associadas à trajetória dos consumos). Concomitantemente, são os que valorizam a componente relacional, nomeadamente a amizade/sinceridade e a família. Estes resultados vão no sentido contrário dos estudos com outro tipo de ofensores (não sexuais), que indicam que as mulheres ofensoras têm uma narrativa mais relacional e os homens uma narrativa mais direcionada para o estatuto social.

Por seu turno, as mulheres diferenciam-se por serem as que mais procuram descrever-se como resilientes/lutadoras/guerreiras. Poder-se-ia afirmar que as mulheres veiculam a imagem narrativa de “guerreiras” enquanto os homens veiculam a imagem da pessoa “afável” que, por isso mesmo, se tornou mais vulnerável/vítima das “más companhias”. Os ofensores homens assumem um tom narrativo mais vitimizador/sofredor, comparativamente às mulheres.

Tabela 7: agressores com indicadores de psicopatologia (CIP) e sem indicadores de psicopatologia (SIP)

Tema	CIP	SIP
Consumo de Substâncias	3	11
Crime	2	9
Família	38	67
Perdas, Morte e Dificuldades	17	18
Foco nos Filhos	11	18
Maus tratos, Negligência	3	13
Reclusão	9	15
Oportunidades, Aprendizagens	1	5
Relações Amorosas	8	16
Autocaracterização	10	20

Sociáveis, afáveis e cuidadores	1	11
Como caracterizam os outros	4	21
Projeção Futuro	10	20
Arranjar Emprego	4	11
Evoluir enquanto pessoa	0	4
Crenças e Valores	11	24
Tom Otimista	9	26
Tom rancoroso/ vingativo	7	1
Tom Vitimizador/Sofredor	11	29

Ao proceder-se à análise comparativa entre os ofensores com e sem patologia, o mais distintivo é o facto dos agressores com indicadores de psicopatologia (CIP) apresentarem uma narrativa mais restrita, menos rica e mais superficial – o que justifica abordarem muito menos cada tema comparativamente aos agressores sem indicadores de psicopatologia (SIP). No entanto, é de realçar que no tema da família são os que mais focam as perdas e mortes, estando mais centrados nas experiências familiares negativas.

Considerando que é na descrição dos temas que os aspetos identitários são veiculados, também neste âmbito revelam um discurso mais limitado e restrito, expressando maior limitação na descrição da relação com os outros, na dimensão moral das crenças e valores e na maior dificuldade em se projetar no futuro. Esta dificuldade de projeção no futuro verifica-se em todos os parâmetros, mas, mais especificamente, ao nível do desenvolvimento pessoal – nenhum dos ofensores CIP postula o crescimento pessoal.

É de destacar diferenças também no tom narrativo. Só os agressores CIP revelam um tom narrativo rancoroso/vingativo e, comparativamente aos agressores SIP, um tom também mais otimista. Por seu turno, os agressores SIP tendem a manifestar maioritariamente um tom narrativo sofredor/vitimizador.

Tabela 8: comparação abusadores de menores vs. violadores

Tema	Abuso Sexual de Menores	Violação	Ambos os crimes
Família	52	45	8
Perdas, mortes	20	13	2
Maus tratos, negligência	7	7	2
Relações Amorosas	10	14	0
Autocaracterização	19	9	2
Resilientes, lutadores	13	14	2
Fé Religiosa	11	8	1
Tom rancoroso/vingativo	3	1	4

Quando comparamos os participantes condenados pelo crime de Abuso Sexual e os condenados pelo crime de violação, verifica-se que se distinguem em dois dos temas narrativos: são os abusadores que adotam um discurso mais centrado na família, (especificamente nas perdas/mortes familiares) e, quando comparados com os violadores, são menos descritivos ao nível das suas relações amorosas. Também são os condenados por abuso que mais elaboram ao nível da sua autocaracterização, apresentando-se como resilientes/lutadores e portadores de fé religiosa como suporte da sua resiliência. No entanto, são também os abusadores de menores que veiculam o tom narrativo rancoroso/vingativo.

Tom Sofredor/vitimizador (11,40)

P5: *só que me aconteceu o que aconteceu e eu vim preso, a minha vida parou aqui*

P2: *fracasso... foi eu tentar ter uma vida melhor, ter lutado tanto e não ter conseguido.*”

Tom narrativo otimista (10,37):

P8: *“nem tudo é como começa, mas sim como acaba.”*

P4: *“Sempre fui uma pessoa muito positiva menina, ainda penso em gozar muito a minha vida, porque com pensamentos negativos uma pessoa não vai lá”*

Tom narrativo rancoroso (4, 9):

P8: *“Fiquei logo revoltado com a vida, a coisa que mais gosto é a minha liberdade, vida de recluso é má”*

P5: *“fiquei mais revoltada”*

4 – É possível identificar uma narrativa comum entre os diferentes tipos de ofensores ou há narrativas distintas? Como se articulam essas narrativas com os crimes sexuais?

Da articulação entre os temas narrativos, aspetos identitários, tom e imagens narrativas, é possível identificar uma narrativa comum a todos os ofensores – **a narrativa da adversidade e dissociação/negação do crime**. Nunca surge na sua história de vida qualquer referência aos crimes sexuais e todo o seu relato, em todos os temas, gira em torno das experiências e condições adversas/negativas, permitindo-lhes explicar/justificar a trajetória de vida desviante/criminal sem nunca abordar os crimes sexuais (P4: *Sempre fui uma pessoa que me sentia inferior na escola porque era pobre e os outros tinham coisas que eu não tinha, éramos uma família grande e eu só lhes queria fazer mal, tinha mesmo necessidade de lhes fazer muito mal...*).

No entanto, desta narrativa, emergem duas narrativas distintas: a narrativa da **adversidade resiliente** e a narrativa da **adversidade sofredora/vitimizadora**, sendo que ambas permitem manter uma autoimagem positiva. A **adversidade resiliente** remete para uma trajetória de vida que se caracteriza por dificuldades/obstáculos e experiências negativas, incluindo o crime e a reclusão, mas que concorreram para o seu crescimento pessoal, aquisição de aprendizagens e maior resistência, mantendo-se perseverantes. Esta narrativa assenta na **imagem do/a guerreiro/lutador**, com um **tom narrativo mais otimista**, que promove uma maior agência pessoal face ao futuro.

P7: *“A renascença”, porque a uma certa altura estava morto e agora renasci, tenho mais confiança em mim, mais paciência e valorizo coisas que não valorizava. Aqui damos valor a muita coisa”*.

P2: *A mulher lutadora que sou é por ele (filho). (...) “a guerreira” ... já passei por tanta coisa na vida e nunca desisti*

P1: *“porque a vida é uma grande luta temos de lutar para conseguir ter o temos, lutar pela nossa família, para conseguir alcançar os nossos objetivos, temos de lutar*

para ter as cosias, não podemos deitar os braços para baixo, temos de arregaçar as mangas e ir à luta”.

A **narrativa da adversidade/sofredora** também se caracteriza pelas experiências negativas/dificuldades e obstáculos ao longo da vida, mas mantêm um discurso focado nos seus efeitos negativos e nas vulnerabilidades. Esta narrativa assenta na imagem da **vítima das circunstâncias da vida**, com um **tom narrativo** marcadamente **sofredor/vitimizador**, dificultando a agência pessoal face ao futuro

P5: *...a minha vida parou aqui*

P2: *fracasso é ter lutado tanto e não ter conseguido.*

P3: *ter vindo aqui parar, mudou a minha maneira de ver as coisas e foi uma lição de vida. É uma maldição! Não desejo a ninguém. Nem o meu maior inimigo merece cá estar.*

Relativamente ao tom rancoroso/vingativo, presente em ambas as narrativas, este é exclusivamente identificado nos ofensores que reúnem cumulativamente duas condições: os que têm indicadores de psicopatologia e a condenação por abuso sexual (incluindo o que tem ambos os tipos de crime). Poder-se-á concluir que estes apresentam dois tipos de imagem – o guerreiro vingador (P4: *quando fui condenado. Foi quando levei 22 anos e meio, levei mais anos de cadeia do que de vida. Fiquei logo revoltado com a vida, a coisa que mais gosto é a minha liberdade, vida de recluso é má. (...) desde que fui condenado. Mudou os sentimentos, se vir uma pessoa a morrer no chão é igual, não tenho sentimentos, só pelo meu filho e mulher. (...) sempre tive maus tratos em casa por parte do meu pai. Não quero saber dele, só peço a Deus para que não se cruze comigo senão eu mato-o*), associada à narrativa resiliente, e a vítima vingadora (P6: *Mas na minha adolescência foi a morte do meu pai... não quero que me tome por rancoroso, mas foi o mais feliz porque ele batia-me muito a mim e à minha mãe;*), associada à narrativa da adversidade/sofredora.

Conclusão

1. Das experiências de adversidade na infância à narrativa da adversidade e dissociação/negação do crime.

Os ofensores sexual, na sua globalidade, apresenta uma narrativa que se centra nas experiências familiares precoces adversas, nomeadamente um historial de perdas, maus tratos e negligência familiar. A literatura indica que perdas, rejeição e experiências

de abuso/maus tratos, negligencia na infância podem resultar no caso dos agressores sexuais em problemas ao nível da vinculação, défices nas competências de intimidade, desregulação emocional e atitudes hostis. Neste âmbito, há necessidade de intervir na construção de uma intimidade saudável, no desenvolvimento de relações interpessoais e de vinculação adequadas, promover competências de resolução de conflito e de regulação emocional. O objetivo será reconceptualizar as experiências e condições adversas/negativas, de modo a que deixem de ser usadas para legitimar a trajetória de vida desviante/criminal – no sentido de potenciar a reconstrução de uma trajetória de vida livre dos efeitos negativos da adversidade e afastada do crime.

Por outro lado ainda, nenhum participante reconhece ter perpetrado o crime sexual, assumindo outro tipo de crime para justificar a reclusão ou evitando abordar o motivo da reclusão e, ainda, principalmente as mulheres, remetem a agência do crime para terceiros (e.g. companheiros). A literatura indica que uma característica distintiva das mulheres é o crime de abuso com um cúmplice ou companheiro (Nathan & Ward, 2002 citados por Wojcik & Fisherm, 2019), pelo que há que atender a esta especificidade na intervenção, principalmente no que diz respeito a assumir a responsabilidade pelo crime mesmo quando “coagidas” ou “motivadas” por alguém.

No caso dos homens, que tendem a assumir outro tipo de crime, pode estar relacionado com a vergonha “social” e a estigmatização associadas aos crimes sexuais. No entanto, a literatura indica que os ofensores que apresentam vergonha no reconhecimento da culpabilidade deste tipo de crime, tendem a continuar a culpabilizar as vítimas e a ser mais resistentes intervenção (Marshall, Fernandez, Marshall, & Serran, 2005), pelo que a intervenção deve trabalhar a componente da desconstrução da estigmatização social associada ao crime e auxiliar na construção de uma narrativa responsabilizadora mas não saturada pela vergonha e pelo crime.

2. Metáfora das “Guerreiras” e narrativa da adversidade resiliente vs. metáfora das “vítimas afáveis” e narrativa da adversidade sofredora/vitimizadora

É de realçar que são as mulheres que mais veiculam uma imagem de luta e resiliência perante as adversidades da vida, incluindo a reclusão, descrevendo-se como guerreiras que não se deixam vencer pelas dificuldade nem desistem perante os obstáculos – adversidade resiliente.

Paradoxalmente, os homens procuram veicular uma imagem de maior vulnerabilidade, salientando o seu lado afável e crédulo, acabando por ser vítimas de terceiros ou das circunstâncias. Tendem a ser os que mais se focam nos efeitos negativos das suas experiências adversas e nas vulnerabilidades – adversidade sofredora/vitimizadora.

Estas narrativas distintas remetem para algumas especificidades a considerar em termos de prognóstico na intervenção e ao nível da reincidência - a primeira, com um tom narrativo mais otimista, remete para uma maior agência pessoal face ao futuro, enquanto que a segunda, com um tom narrativo sofredor/vitimizador, destitui o sujeito da sua agência pessoal e dificulta o envolvimento e motivação em qualquer processo de mudança. Assim, será necessário trabalhar ao nível da agência pessoal do sujeitos, no desenvolvimento de competências de planeamento e implementação de ações dirigidas a objetivos pró-sociais, na capacidade de controlarem as suas vidas e não se deixarem determinar pela circunstâncias de vida.

Por fim, há que referir que os ofensores com psicopatologia e, especificamente, os abusadores, apresentam narrativas mais superficiais e reducionistas, características estas que dificultam o processo de transformação e mudança ao nível identitário. Assim, considerando que a literatura indica que problemas ao nível da saúde mental é um preditor do risco de reincidência sexual (Moulden & Marshall, 2017), há que atender especificamente a estes ofensores para que a intervenção permita a desenvolvimento de histórias mais ricas e reflexivas para promover mudança e, assim, diminuir a probabilidade de reincidência.

À semelhança das conclusões dos estudos de Waldram (2008, 2010), também é possível identificar nos agressores sexuais do presente estudos concepções positivas e morais identitárias (do “eu”), pelo que se deve promover e reforçar a agência moral na narrativa dos ofensores para que a mudança aconteça. Como refere Adshead (2011), a identidade é criada nas narrativas e histórias, sendo essencial trabalhar as narrativas de quem perpetrrou um crime violento, onde se incluem os ofensores sexuais.

Referências Bibliográficas

- Adshead, G. (2011). The life sentence: using a narrative approach in group psychotherapy with offenders. *Group analysis*, 44 (2), 175-195.
- American Psychiatric Association (2017). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5th ed. Arlington: American Psychiatric Publishing.
- Akers, R. (2009). *Social learning and social structure: a general theory of crime and deviance*. Boston: Northeastern University Press.
- Babchishin, K.M., Curry, S.D., Fedoroff, J.P., Bradford, J., & Seto, M.C. (2017). Inhibiting sexual arousal to children: correlates and its influence on the validity of penile plethysmography. *Archives sexual behavior*, 46 (3), 671-684.
- Blagden, N., & Pemberton, S. (2010). The challenge in conducting qualitative research with convicted sex offenders. *The Howard journal*, 49 (3), 269-281.
- Butchart, A., Harvey, A., Mian, M., & Furriss, T. (2006). *Preventing child maltreatment: a guide to take action and generating evidence*. Geneva: Who.
- Booth, B.D., & Gulati, S. (2014). Mental illness and sexual offending. *Psychiatric clinics of North America*, 37 (2), 183-194.
- Brennan, C., Swartout, K.M., Cook, S.L., & Parrott, D.J. (2016). A qualitative analysis of offenders' emotional responses to perpetrating sexual assault. *Sexual abuse: A journal of research and treatment*, 1-20.
- Canavarro, C. (2007). *Inventário de sintomas psicopatológicos*. In M.R. Simões, C. Machado, M.M. Gonçalves & L.S. Almeida (Eds.) *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Cooper, E. S.N., & Holgersen, H. (2016). Treatment experiences of child sexual offenders in Norway: A qualitative study. *Journal of child sexual abuse*, 25 (7), 699-718
- Connor, D.P., Copes, H., & Tewksbury, R. (2011). *Incarcerated sex offenders' perceptions of prison sex offender treatment programs*. Disponível em http://www.cjci.org/uploads/cjci/documents/Incarcerated_Sex.pdf
- Cubellis, M.A., Evans, D. A., & Fera, G.A. (2019). Sex offender stigma: An exploration of vigilantism against sex offenders. *Deviant behavior*, 40 (2), 225-239.

- DeCou, C.R., Cole, T.T., Rowland, S.E., Kaplan, S.P., & Lynch, S.M. (2014) An ecological process model of female sex offending: the role of victimization, psychological distress, and life stressors. *Sexual abuse*, 27 (3), 302-323.
- Finkelhor, D. (1984). *Child sexual abuse: New theory and research*. New York: Free Press.
- Flick, U. (2007). *Designing qualitative research*. London: Sage Publications.
- Gerhard-Burnham, B., Underwood, L. A., Speck, K., ..., & Crump, Y. (2016). The lived experience of the adolescent sex offender: a phenomenological case study. *Journal of child sexual abuse*, 25 (1), 93–109.
- Gilbert, R., Widom, C. S., Browne, K., Fergusson, D., Webb, E., & Janson, S. (2009). Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *The Lancet*, 373, 68–81.
- Gingrich, T.N., & Campbell, J.B. (1995). Personality characteristics of sexual offenders, sexual addiction & compulsivity. *The journal of treatment & prevention*, 2 (1), 54-61.
- Ginneken, E.F.J.C. (2014) Making sense of imprisonment: Narratives of posttraumatic growth among female prisoners. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 60 (2), 208-227.
- Hamilton, E. (2017). Identity concerns among sexual offenders: The narrative call. *Practice innovations*, 2 (1), 13-20.
- Hanson, R. K., Harris, A. J., Helmus, L., & Thornton, D. (2014). High-risk sex offenders may not be high risk forever. *Journal of interpersonal violence*, 29, 2792–2813.
- Harding, D.J., Dobson, C.C., Wyse, J.B.W, & Morenoff, J.D. (2017). Narrative change, narrative stability, and structural constraint: The case of prisoner reentry narratives. *American journal of cultural sociology*, 5(1): 261–304.
- Harrati, S., Coulanges, M., Derivois, D., & Vavassori, D. (2018). Qualitative study on the traumatic experiences of female sex offenders. *Journal of loss and trauma*, 23 (4), 271-286.
- Herrschaft, B.A., Veysey, B.M., Tubman-Carbone, H.R., & Christian, J. (2009). Gender differences in the transformation narrative: Implications for revised reentry strategies for female offenders. *Journal of offender rehabilitation*, 48, 463–482
- Howitt, D. (2016). *Introduction to qualitative research methods in psychology*. Harlow: Pearson.

- Ioannou, M., Canter, D., Youngs, D., & Synnott, J. (2015). Offenders' crime narratives across different types of crimes. *Journal of forensic psychology practice*, 15(5), 383-400.
- Klein, J. L. (2012). *In her own words: a qualitative examination of female sex offenders*.
Disponível em
https://www.researchgate.net/publication/308903795_In_Her_Own_Words_A_Qualitative_Examination_of_Female_Sex_Offenders?channel=doi&linkId=57f6853808ae280dd0bb2c42&showFulltext=true
- Kloppen, K., Haugland, S., Svedin, C.G., Mæhle, M., & Breivik, K. (2016). Prevalence of child sexual abuse in the Nordic Countries: A literature review. *Journal of Child Sexual Abuse*, 25(1), 37-55.
- Pals, J. L. (2006). Narrative identity processing of difficult life experiences: Pathways of personality development and positive self-transformation in adulthood. *Journal of personality*, 74(4), 1079–1109.
- Mansfield, C.D., Pasupathi, M., & McLean, K.C. (2015). Is narrating growth in stories of personal transgressions associated with increased well-being, self-compassion, and forgiveness of others? *Journal of research in personality*, 58, 69–83.
- Marshall, W.L., Marshall, L.E., & Ware, J. (2009). Cognitive distortions in sexual offenders: Should they all be treatment targets? *Sexual abuse in Australia and New Zealand*, 2 (1), 21-33.
- Marshall, W. L., Ward, T., Mann, R. E., Moulden, H., Fernandez, Y. M., Serran, G. A., et al. (2005). Working positively with sexual offenders: Maximizing the effectiveness of treatment. *Journal of interpersonal violence*, 20, 1096-1114.
- Maruna, S. (2001). *Making good: How ex-convicts reform and rebuild their lives*. Washington: American Psychological Association.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In J. R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 242-262). New York, NY: Guilford Press.
- McAdams, D.P. (1996). Personality, modernity and the storied self: a contemporary framework for studying persons. *Psychological inquiry*, 7, 295–331.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of general psychology*, 5(2), 100-122.
- McNulty, E.A. (2012). Transcription and analysis of qualitative data in a study of women who sexually offended against children. *The qualitative report*, 17, 1-18.

- Moertl, K., Buchholtz, M.B., & Lamott F. (2010). Gender constructions of male sex offenders in Germany: Narrative analysis from group psychotherapy. *Archives of sexual behavior*, 39, 2013-212.
- Moulden, H.M., & Marshall, L.E. (2017). Major mental illness in those who sexually abuse. *Current psychiatry reports*, 19, 105.
- Morgan, A. (2002). Beginning to use a narrative approach in therapy. *The international journal of narrative therapy and community work*, 1, 85-90.
- Murray, M. (2008). Narrative psychology. In J.A. Smith (ed.), *Qualitative psychology: a practical guide to research methods* (pp. 111-132). London: Sage.
- Nee, C. (2004). The offender's perspective on crime: methods and principles in data collection. In A. Needs and G. Towl (Eds.), *Applying psychology to forensic practice*. Oxford: British Psychological Society and Blackwell.
- National Intimate Partner and Sexual Violence Survey – NISVS (2018). United States Department of Health and Human Services: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control.
- OMS (2018). *OMS aborda consequências da violência sexual para a saúde das mulheres*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/oms-aborda-consequencias-da-violencia-sexual-para-saude-das-mulheres/>
- Presser, L. (2004). Violent offenders, moral selves: constructing identities and accounts in the research interview. *Social problems*, 51(1), 82–101
- Presser, L. (2009). The narratives of offenders. *Theoretical criminology*, 13(2), 177-200.
- Presser, L. (2012). Getting on top through mass murder: Narrative, metaphor and violence. *Crime, Media, Culture*, 8, 3-21.
- Przybylski, R. (2015). *Recidivism of adult sexual offenders*. Washington: National criminal justice association.
- QSR International. (2012). NVivo 10 (Computer Software). Australia, Doncaster, Victoria.
- Rice, J., & Knight, R. A. (2018). Differentiating adults with mixed age victims from those who exclusively sexually assault children or adults. *Sexual abuse*, 0, 1–21.
- Robertillo, G., & Terry, K. (2007). Can we profile sex offenders? A review of sex offender typologies. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 508–519
- Sandvik, M., Nettet, M.B., Berg, A., & Sondena, E. (2017). The voices of young sexual offenders in Norway: A qualitative study. *Open journal of social sciences*, 5, 82-95.

- Schultz, C. (2014). The stigmatization of individuals convicted of sex offenses: Labeling theory and the sex offense registry. *Themis: Research journal of justice studies and forensic science*, 2, 63-81.
- Siegert, R. J., & Ward, T. (2003). Back to the future: Evolutionary explanations of rape. In T. Ward, D. R. Laws, & S. M. Hudson (Eds.), *Sexual deviance: Issues and controversies* (pp. 45–64). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Sigler, A. (2017). *Risk and prevalence of personality disorders in sexual offenders*. CUNY Academic Works. Disponível em http://academicworks.cuny.edu/jj_etds/23
- Sheehan, V., & Sullivan, J. (2010). A qualitative analysis of child sex offenders involved in the manufacture of indecent images of children. *Journal of sexual aggression*, 16 (2), 143–167.
- Smalbone, S., & Cale, J. (2015). An integrated life-course developmental theory of sexual offending. In A. Blokland, & P. Lussier (eds), *Sex offenders: a criminal career approach*. Wiley Online Library.
- Spruin, E., Canter, D., Youngs, D., & Coulston, B. (2014). Criminal narratives of mentally disordered offenders: an exploratory study. *Journal of forensic psychology practice*, 14 (5), 438-455.
- Stinson, J.D., & Becker, J.V. (2011). Sexual offenders with serious mental illness: prevention, risks, and clinical concerns. *International journal of law and psychiatry*, 34 (3), 239-245.
- Tener, D., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2015). A typology of offenders who use online communications to commit sex crimes against minors. *Journal of aggression, maltreatment & trauma*, 24, 319–337.
- Terry, K., & Tallon, J. (2004). *Child sexual abuse: A review of the literature. The nature and scope of the problem of sexual abuse of minors by priests and deacons* (pp. 1950–2002). Washington, DC: United States Conference of Catholic Bishops.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2006). *Extent, nature, and consequences of rape victimization: Findings from the national violence against women survey*. National Institute of Justice. Disponível em: <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/210346.pdf>
- Vandiver, D., Braithwaite, J., & Stafford, M. (2016). *Sex crimes and sex offenders*. London: Routledge.
- Waldram, J. B. (2008). The narrative challenge to cognitive behavioral treatment of sexual offenders. *Culture, medicine, and psychiatry*, 32, 421-439.

- Waldram, J. B. (2010). Moral agency, cognitive distortion, and narrative strategy in the rehabilitation of sexual offenders. *Ethos, Journal of the society for psychological anthropology*, 8 (3), 251-274.
- Wakeling, H., & Saloo, F. (2018). An exploratory study of the experiences of a small sample of men convicted of sexual offences who have reoffended after participating in prison-based treatment. *HM Prison & probation service. Analytical summary 2018*. Disponible em <https://pdfs.semanticscholar.org/e4b7/9b37a697b9708705e6bf133c69c333cf32d4.pdf>
- Ward, T., & Beech, A.R. (2016). *The integrated theory of sexual offending – revised, a multifield perspective*. Disponible em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781118574003.wattso006>
- Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, 11, 44–63.
- Ward, T., Polaschek, D. L. L., & Beech, A. R. (2006). *Theories of sexual offending*. West Sussex: John Wiley & Sons.
- Ward, T., & Marshall, W. L. (2007). Narrative identity and offender rehabilitation. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 51 (3), 279-297.
- Wiseman, J., & Lobanov-Rostovsky, C. (2019). Incidence and prevalence of sexual offending. In *Sex offender management assessment and planning initiative*. U.S. Department of Justice.
- Wojcik, M., & Fisher, B.S. (2019). Overview of adult sexual offender typologies. In W. T. O'Donohue & P. A. Schewe (eds). *Handbook of sexual assault and sexual assault prevention* (pp. 241-256). Switzerland : Springer.